

02

Lelé:

Arquitetura, urbanismo e engenharia na reestruturação de bairros populares



Lembrado por sua contribuição como arquiteto e construtor, João Filgueiras Lima (1932-2014) deixou também legado no campo do urbanismo a partir de seu trabalho em Salvador, Abadiânia e Rio de Janeiro ao longo da década de 80. Tomando como referencial teórico os escritos do arquiteto e urbanista português Nuno Portas, este artigo analisa distintas naturezas da ação de Lelé sobre as cidades, transitando entre escalas variadas de desenho para integrar decisões que transformaram a arquitetura e tecnologia em ferramentas de apoio a uma pioneira consolidação de bairros populares, ainda durante a ditadura militar. Para isto, utilizamos ampla revisão bibliográfica, entrevistas, atividades de campo e pesquisa em arquivos que apoiam tese de doutorado em estágio de conclusão e que objetiva, dentre outros, identificar novos rumos de desenvolvimento e aplicação para tecnologias de pré-fabricação e industrialização da arquitetura na transformação das cidades brasileiras.

Lelé: architecture, urbanism and engineering towards the reconstruction of popular neighbourhoods

Remembered for his contribution as an architect and builder, João Filgueiras Lima (1932-2014) also left a legacy of urban studies from his work in Salvador, Abadiânia and Rio de Janeiro throughout the 1980s. Taking as a theoretical reference the writings of Portuguese architect and urbanist Nuno Portas, this article analyzes the different natures of Lelé's action on cities, moving between varied scales of design to integrate decisions that transformed architecture and technology into supporting tools towards a pioneering consolidation of popular neighborhoods, even during the military dictatorship. For this, we use a wide bibliographical review, interviews, field activities and archival research that support a doctoral thesis in the stage of completion and that aim, among others, to identify new directions of development and application for technologies of pre-fabrication and architecture industrialization Transformation of Brazilian cities.



Autor

Prof. Me. Sergio Kopinski Ekerman

Faculdade de Arquitetura
Universidade Federal da Bahia
Brasil

Palavras-chaves

Argamassa armada
Autoconstrução
Assistência técnica
Pré-fabricação
Tecnologia

Key words

Ferrocement
Selfbuild
Prefabrication
Technical assistance
Technology

Artículo recibido | Artigo recebido:

20 / 09 / 2017

Artículo aceptado | Artigo aceito:

23 / 11 / 2017

Email: sekerman@ufba.br

*Nos barracos da cidade
Ninguém mais tem ilusão
No poder da autoridade
De tomar a decisão
E o poder da autoridade
Se pode não faz questão
Mas se faz questão nao consegue, enfrentar o tubarão*

Gilberto Gil, “Nos Barracos da Cidade” (1985).

INTRODUÇÃO

Arquiteto e construtor por excelência, João Filgueiras Lima, o Lelé, deixou extensa lista de obras construídas no território brasileiro (Latorraca, 1999). Desaparecido em 2014, também povoa o imaginário da arquitetura brasileira com projetos não construídos, tal qual sua proposta habitacional para o programa federal Minha Casa, Minha Vida (PMCMV), em Salvador (Lima, 2013). Também lembrado por suas obras em Brasília, pelo conjunto de hospitais da Rede Sarah Kubitschek e pelo trabalho pioneiro com pré-fabricação, Lelé consolidou exercício profissional em diversas escalas da competência profissional do arquiteto-urbanista.

Durante a década de 80, mais especificamente, sintetizou um conjunto de ferramentas para atuar sobre o território urbano e rural, sem perder a dimensão social desta problemática (Ekerman, 2005, 2013), em projetos realizados para Salvador (BA), Abadiânia (GO) e Rio de Janeiro (RJ). A partir da escala da construção, costurou trajetória ao mesmo tempo diversa e idiosincrática.

Procuramos neste artigo demonstrar características que definem a interdisciplinaridade da obra de Lelé e sua contribuição para o urbanismo brasileiro, a partir de pesquisa de campo, levantamento em arquivos e entrevistas referentes às fábricas montadas por Lelé entre 1979 e 1989 (Fig. 1 e 3). Para interpretação e reflexão crítica acerca da produção examinada, adotamos como referencial teórico o texto “A Cidade Como Arquitectura”, do arquiteto e urbanista Nuno Portas.¹ Nossa premissa é que, além da contribuição ao campo da arquitetura e da engenharia, Lelé também atuou de forma pioneira e progressista no âmbito das cidades e

da reestruturação de bairros populares, ajudando a consolidar políticas que se opunham a erradicação de favelas, muito comuns no Brasil durante as décadas de 60 e 70.

Argamassa armada e a urbanização de bairros populares: RENURB, ABADIÂNIA, FÁBRICA DE ESCOLAS E FAEC

Entre 1979 e 1982 Lelé realizou experiências com a Companhia de Renovação Urbana de Salvador (RENURB), fazendo interpretação sensível da geografia da cidade ao projetar pensando em suas encostas e vales, ocupados de forma irregular em áreas pobres como o Vale do Rio Camuruji e o Nordeste de Amaralina. Visando suplantar os desafios técnicos da execução de obras em áreas de difícil acesso, seus projetos utilizaram-se da tecnologia da argamassa armada, para viabilizar, dentre outros objetivos, o emprego de uma mão de obra com treinamento básico, muitas vezes com moradores dos próprios bairros.

Embora inicialmente pensada para implantar o projeto de Transportes Urbanos de Salvador (TRANSCOL), destacou sua atuação no campo do saneamento básico e do mobiliário urbano, ao concentrar-se no desenho de canais de drenagem que pudessem resolver problemas de alagamentos nos fundos de vale, de forma complementar a sistemas de contenção de encosta e micro-drenagem (Fig. 2), com escadarias drenantes que também abordavam a questão da acessibilidade a áreas complexas. Conforme relata o arquiteto Fernando Minho, colaborador de Lelé desde o início da RENURB até 2014:

1. Professor Emérito da Universidade do Porto – Faculdade de Arquitectura, onde ensinou História e Teoria Urbanística e Projecto Urbano. Em 2005 ganhou o Prêmio sir Patrick Abercrombie de Urbanismo da UIA, coordenador do Serviço de Ambulatório de Apoio Local (SAAL).



FIGURA 1 | As fábricas da RENURB (Salvador, 1980), Fábrica de Escolas (Rio de Janeiro, 1984) e FAEC (Salvador, 1988). *Fonte:* Acervo Instituto João Figueiras Lima.



FIGURA 2 | Micro-drenagem executada em argamassa armada e implantada entre as casas de bairros populares na Bacia do Camurujepe, em Salvador, 1980. *Fonte:* Instituto João Figueiras Lima.

Era preciso utilizar elementos leves, que pudessem ser carregados por dois operários, porque era impossível entrar com máquinas pesadas numa malha de uma comunidade como a do Bom Juá aqui em Salvador, por exemplo, onde você tinha umas ruelas que não permitiam passar com um caminhão ou com um equipamento mais pesado para você dragar ou fazer limpeza dos canais. Isto destruiria, evidentemente, as habitações. (2016)

As peças de argamassa armada permitiam, neste sentido, uma produção rápida, de boa qualidade de acabamento e execução, trazendo consigo a viabilidade para a presença da Prefeitura Municipal de Salvador (PMS) na requalificação de áreas ocupadas pelo lixo e sujeitas a alagamentos e desmoronamentos. A RENURB Soteropolitana foi “a primeira fábrica brasileira destinada à produção industrial de componentes de argamassa armada” (Lima, 2012:47) e teve suas atividades iniciais supervisionadas pelo engenheiro romeno Frederico Schiel, professor da Escola de Engenharia de São Carlos/USP (Hanai, 1992).

Neste processo, atenção especial foi dada a elaboração das fôrmas para fundição das peças (Fig. 4), algumas delas compostas por duas partes, mecanismos móveis e complexidade ímpar, iniciando um processo de contínuo desenvolvimento nesta tecnologia e que teria seu ápice durante o funcionamento do Centro de Tecnologia da Rede Sarah Kubitschek (CTRS), entre 1990 e 2012. As primeiras peças foram as aduelas do sistema de canais de drenagem, desenhadas com supervisão direta do Professor Schiel, conforme atestam desenhos por nós encontrados nos arquivos da Companhia de Desenvolvimento Urbano de Salvador (DESAL),² e foram realizadas no início de 1980 para obras de Canalização na Rua Direita do Bom Juá, localidade da Baía do Camurujipe.

Sobre as fôrmas, fica nítida a complexidade de seu desenho a partir da análise das pranchas pesquisadas, junto aos comentários do Eng. João Bento de Hanai, membro do chamado “grupo de São Carlos”, profissionais atuantes no estudo da argamassa armada dentro da Escola de Engenharia da USP em São Carlos:

As fôrmas devem ser rígidas e resistentes, para evitar deformações durante o adensamento e suportar as elevadas pressões a que ficam sujeitas. (...) São normalmente construídas com chapas de aço de 3.2mm (1/8 de polegada) de espessura, mesmo em caso de peças pequenas. Devem ser estanques, para se evitar vazamento de calda de cimento, sobretudo nas juntas a serem abertas na operação de desforma; nessas juntas normalmente se prevê uma sobreposição de chapas ou então juntas de borracha, para se conseguir estanqueidade. (1992:124).

Neste sentido, compreendemos que parte importante da correspondência entre as atividades da fábrica e a atuação nos bairros pobres da cidade se dava através do desenho em escala real (1:1) das fôrmas de fundição das peças de argamassa armada, que viabilizavam levar a cabo decisões de cunho urbanístico, administrativas e políticas, uma interconexão entre escalas de desenho e, mais além, de naturezas distintas de atuação.

Em mensagem enviada para Câmara de Vereadores de Salvador em 1981, o ex-prefeito Mario Kertész ressalta o papel da RENURB dentro da administração municipal, admitindo sua importância enquanto política oficial de enfrentamento de questões urbanas e deixando transparecer o entrelace acima citado ao considerar a fábrica, gerida pelo poder público, como vetor para decisões de planejamento. Ali, o então prefeito colocava:

Encontramos uma linha de intervenção para as áreas de baixa renda, apoiada em cinco pontos principais:

1. Posse da terra, legalização e propriedade do terreno construído. Trabalhando nesta direção, temos efetuado desapropriações de áreas onde se consolidaram antigas invasões, para venda do lote ao ocupante;
2. Melhoria do transporte coletivo, com a pavimentação das vias do acesso de cumeada e de fundo de vale, construção de terminais periféricos (84 até o fim deste ano) e fiscalização da operação onde a TRANSUR atua como reguladora do sistema;
3. Saneamento básico, com a microdrenagem das bacias ramificadas pelos fundos dos vales, ao lado de algumas macrodrenagens; drenagem as encostas, possibilitada pela criação extraordinária das escadarias, e coleta do lixo, permitida através as vias de acesso implantadas;
4. Contenção de encostas, feita também com as escadarias, as quais, na verdade, desempenham três importantes funções: impedem o desmoronamento do terreno, promovem a circulação vertical de pedestres e conduzem as águas pluviais, de uso e de esgoto;
5. Implantação da sede local a Prefeitura, que realiza o trabalho social na área, esclarecendo e mobilizando a população em todos os sentidos e promovendo sua co-participação na Administração Municipal e em tarefas comuns, destinadas ao seu próprio bem estar.

Tanto o Escritório de Projetos quanto a Usina de Pré-moldados têm uma participação fundamental nessas intervenções. Ambos, na verdade, utilizando recursos tecnológicos sofisticados, criaram uma tecnologia extremamente simplificada e apropriada

2. A Companhia de Desenvolvimento Urbano de Salvador –DESAL– é uma Empresa de economia mista, criada pela Lei Municipal no 4343/91 de 23 de julho de 1991, guardiã das tecnologias desenvolvidas em Salvador pela RENURB e FAEC.



FIGURA 3 | Fábrica de Abadiânia, Goiás, 1982 (?). Fonte: Instituto João Filgueiras Lima.

às características topográficas da Cidade o diálogo cumeada “versus” fundo de vale) e às particularidades das favelas baianas (assentadas nas encostas, a partir das cumeadas, ou no fundo das bacias sobre os afluentes).

Esta tecnologia foi testada no Nordeste de Amaralina e no Vale as Pedrinhas, com muito sucesso. No momento, contano com recursos do PROMORAR, do BNH, concentraremos nossos esforços em 60 assentamentos a área de influência da Bacia do Camurujipe, cuja drenagem será totalmente executada. A população residente nesses assentamentos está estimada em 600 mil pessoas. (Prefeitura Municipal do Salvador, 1981:XXVII, grifos do autor).

À experiência em Salvador seguiu o trabalho em Abadiânia (1982-1983), cidade de pequeno porte no interior de Goiás (17.000 habitantes, em 1982), para onde Lelé foi levado pelo Prof. Edgard Graeff e pelo Frei Mateus Rocha, próximos desde os tempos da UnB. Em Abadiânia, Lelé

Não se limitou à elaboração de projetos de equipamentos sociais e pequenas obras de infraestrutura urbana – antes verificou-se sua atribuição central no nível do planejamento municipal ao desenvolver um esboço de Plano Diretor da cidade, a partir de uma leitura minuciosa do território, da sua inserção regional e caracterização socioeconômica. (Do Vale, 2016:192)

Neste contexto, ele desenvolveu o projeto da Escola Transitória de Modelo Rural, onde lançou as bases para uma de suas mais importantes criações, os edifícios de atendimento à educação básica que se desdobravam em experiências subsequentes no Rio de Janeiro e Salvador. (Fig. 3)

Consistindo em uma escola de 285m², o projeto é uma vez mais permeado pelo pensamento simbiótico entre arquitetura, urbanismo e engenharia, ao compreender que a arquitetura, montável e desmontável, de industrialização simplificada, respondia a aspectos estratégicos para o planejamento dos municípios da zona rural, tanto quanto fora a argamassa armada uma estratégia de ação urbanística nas favelas de Salvador. Na “cartilha” da Escola Transitória, Modelo Rural, Lelé destaca que:

A instabilidade da política agrícola, aliada ao uso predatório da terra. Determina a transitoriedade do domínio familiar do trabalhador do campo e o funcionamento efêmero das escolas rurais. O testemunho deste fato é a existência de escolas desativadas e abandonadas, o que representa um desgaste econômico para municípios carentes que sequer conseguem manter a rede mínima de prédios para atendimento escolar. Soluções capazes de enfrentar um quadro com este grau de complexidade terão sempre que partir de um perfeita adequação à realidade local, recorrendo criativamente (...) a recursos tecnológicos universais e contemporâneos, ou mesmo tradicionais, porém abordados de forma atual e eficiente (...).

Com os resultados obtidos nesta experiência-piloto, poderíamos afirmar que cinco pequenas usinas de pré-fabricação um pouco mais aparelhadas que a de Abadiânia, e localizadas em pontos de estratégicos do território de Goiás (com raios de ação inferiores a 200 km) seriam suficientes para atualizar e manter a rede física de ensino básico do Estado, com recursos incomparavelmente menores àqueles que seriam destinados para o mesmo fim utilizando-se técnicas convencionais de construção. (Lima, 1984:25)

Ou seja, o sistema planteava ter atributos capazes de influenciar em decisões de amplitude regional, mais uma vez estabelecendo intercâmbio entre distintas naturezas de atuação, para além da escala dimensional.

Mais à frente, no caso do Rio de Janeiro e Salvador, a Fábrica de Escolas e a FAEC tiveram o papel de levar a construção dos equipamentos educacionais para locais de difícil acesso, com velocidade e eficiência, algo também viabilizado pela opção ao pré-fabricado de argamassa armada produzido em escala industrial, de forma análoga ao que havia sido realizado em Salvador durante a RENURB. Sobre esta experiência Hanai coloca que:

Dado o exíguo prazo disponível, o sistema de escolas passou a ser empregado no Rio de Janeiro sem grandes alterações, produzindo-se componentes em uma grande fábrica, posteriormente duplicada, alcançando-se uma produção diária de até 600m² de escolas, creches e centros comunitários, postos de saúde, etc. (1992:168)

A Fábrica de Escolas do Rio de Janeiro foi inaugurada em novembro de 1984 pelo Governo do Estado de Leonel Brizola, que tinha Darcy Ribeiro como vice-governador. A forte diretriz institucional ligada à educação encontrou nos desenhos de Oscar Niemeyer e Lelé a componente arquitetônica de materialização das novas escolas, seja nos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs) ou nas escolas de argamassa armada designadas para terrenos de menor porte e difícil acesso. Em ambos os casos, pré-fabricação e industrialização da construção foram utilizados para dar velocidade, qualidade e quantidade às construções. As escolas de argamassa de Lelé, praticamente idênticas àquelas desenvolvidas em Abadiânia, apoiavam forte componente político ligado à mudança de tratamento das favelas cariocas por parte do Estado, que abandonava em definitivo as remoções e modificava a forma de abordagem policial junto à população mais pobre.

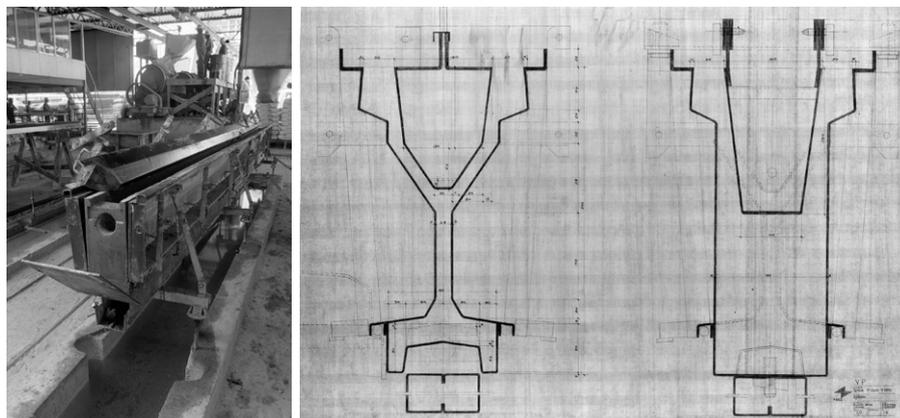


FIGURA 4 | Fôrma de viga da escola – Rio de Janeiro e Salvador. Desenho da FAEC em escala 1:1 (1986) e Fábrica do Rio de Janeiro (1984). *Fonte:* Acervo Fernando Minho/FAUFBA e Instituto João Filgueiras Lima.



FIGURA 5 | Escolas de argamassa armada: maquete da proposta de implantação da escola em morros do Rio de Janeiro (1984) e Implantação de escola na localidade da Baixa da Água, em Salvador. *Fonte:* Acervo Instituto João Filgueiras Lima.

Em contraponto aos CIEPs, edifícios instalados em áreas planas, de fácil acesso e de grande porte, com no mínimo 5000m², as escolas de argamassa armada ocupavam os terrenos residuais em áreas de urbanização espontânea (Fig. 5), atuando como instrumento de penetração do poder público para desenvolvimento social da população mais carente, assim como havia sido feito em Salvador poucos anos antes.

Restauradas as condições político-administrativas favoráveis a seu trabalho, Lelé retornou a Salvador para um projeto mais abrangente que o primeiro. A Fábrica de Equipamentos Comunitários (FAEC) ou “fábrica de

cidades” (Risério, 2010) esteve em atividade entre 1985 e 1989 e deixou importantes marcas na cidade, atuando em diversos bairros através de um catálogo extenso de elementos urbanos. Escolas, creches, passarelas, pontos de ônibus, sanitários públicos, bancos de diversos modelos e projetos singulares, tais como a prefeitura de Salvador, são exemplos de suas realizações. Outra contribuição importante da FAEC foi a sua colaboração com o projeto de revitalização do Centro Histórico, comandado por Lina Bo Bardi, e que produziu importantes exemplos de intervenção em pré-existência, tais quais a Casa do Benin e a Ladeira da Misericórdia.



FIGURA 6 | Montagem das creches e escolas de argamassa armada em bairros de Salvador (s/d e especificação do local). *Fonte:* Acervo Instituto João Filgueiras Lima.

A diversidade e complexidade dos elementos a serem construídos transformaram a FAEC numa fábrica mais completa que as anteriores. Além do núcleo produtor das peças de argamassa armada, houve necessidade de criar um setor de metalurgia, responsável não só pelas fôrmas dos elementos de ferro-cimento, mas também pela estrutura de alguns edifícios e passarelas, tornando este um experimento pioneiro na utilização conjunta de aço e argamassa armada.

Uma das maiores contribuições da FAEC à cidade de Salvador foi a construção de cerca de setenta edifícios educacionais de argamassa armada, entre escolas e creches. Além da qualidade construtiva e arquitetônica, marcada pelas amplas varandas e os painéis de Athos Bulcão, as escolas caracterizavam-se pela velocidade de execução, levando para áreas muito pobres uma intervenção eficaz e representante da chegada do poder público, como no caso do Rio de Janeiro. Lelé colocava que “Havia casos em que a Eliana Kertész, que era secretária da Educação, chegava lá e dizia: “Daqui a sessenta dias temos de ter aqui uma escola para 2 mil pessoas”, e dali a sessenta dias a escola estava lá, onde antes não havia nada” (Risério, 2010).

A construção destes edifícios (Fig. 6) era também um exercício de urbanização integrada, dentro do sistema e dos elementos da FAEC, significando uma conexão com pontos de transporte público, escadarias, e mobiliário urbano em geral. O sistema pré-fabricado permitia flexibilidade dimensional e estrutural, usualmente em prédios de dois pavimentos, para que respondessem à necessidade de um maior número de salas no âmbito de terrenos reduzidos. Tais características podem ser observadas nos exemplares construídos nos bairros de Pituacú, Beirú, Plataforma, Pernambucoés, Vale das Pedrinhas, dentre outras.

Algumas das escolas já não existem mais e outras em demolição, processo iniciado pela Prefeitura de Salvador em junho de 2015. As peças de argamassa armada, algumas com dois centímetros de espessura, são realmente muito vulneráveis ao ambiente salitroso de Salvador e, sem uma política constante de manutenção e de substituição de peças, torna-se inviável a subsistência dos edifícios.

Outro elemento transformador das áreas carentes de Salvador idealizado por Lelé durante o trabalho na FA-EC, as passarelas de pedestre estão dentre as poucas experiências que evoluíram gradativamente e tiveram solução de continuidade até os dias atuais, transformando-se numa marca registrada da paisagem de Salvador e, posteriormente, de outras cidades brasileiras. Sua engenhosidade consiste na síntese arquitetônica e urbanística que representa, aglutinando características singulares em vários temas: solução estrutural, flexibilidade, funcionalidade, desenho, facilidade de construção e integração urbana, reputado por Lelé como “o projeto que tive mais alegria de fazer” (Olmos & Cordioli, 2013:17).

A primeira passarela foi inaugurada em junho de 1987 e no caso de localidades carentes como Saramandaia, Cosme de Farias, Campinas de Brotas e Baixa do Tubo, significaram a obtenção da integração entre bairros implantados em margens opostas e também com os fundos de vales, onde está presente a rede de transporte público. A transposição de cotas e um acesso mais direto às comunidades são transformadores e símbolo de civilidade, tanto quanto as escolas, creches e o sistema de saneamento básico, bem como responderam o clamor popular e manifestações da população conforme atestam os jornais da época (“A passarela do Bonocô vai ser inaugurada hoje”, 1987, “Passarelas diminuem as distâncias entre os bairros”, 1988). O sistema pré-fabricado pensado por Lelé permitia realizar a obra de forma rápida e eficiente, evitando transtornos de longo prazo ao tráfego nas vias existentes e nas áreas de chegada, também criando condições para um aproveitamento modular da estrutura. Assim como no caso da RENURB, a FAEC também encontrou o fim de suas atividades com o término do governo que a comandava, mais um exemplo de impacto da descontinuidade política na gestão dos municípios brasileiros.

Entre arquitetura, urbanismo e engenharia

Em “A Cidade Como Arquitectura”, Nuno Portas definiu a divisão de atribuições entre o arquiteto e urbanista da seguinte maneira:

“Urbanista” e “arquiteto”, por exemplo, separam-se pela escala das operações ou pelos conteúdos e ópticas de trabalho? Referimos neste ensaio a autonomia semântica e metodológica da arquitetura-da-cidade (ou town design) seja aplicada a um lote, um quarteirão, um bairro, um centro urbano, um inteiro aglomerado ou ainda a sistemas de aglomerações –sempre caracterizada esta operação pela construção do espaço habitável em forma significativa– e, ao mesmo tempo que se procurava arredar a híbrida figura do “urbanista”, defendia-se um nível, tipicamente multidisciplinar, de planeamento territorial, regional e urbano (ou town planning) que produzirá sínteses a partir das ciências sociais, das técnicas do desenvolvimento, da geografia da localização, da administração, etc., disciplinas que tendem a produzir programas ou hipóteses quantitativas e relacionais de organização de um território que para avaliar sua justeza não pressupõe ainda uma concreta concepção organizativa e formal (ou espacial) que se inventará para a fábrica urbana. A distinção que importa não é portanto de natureza dimensional mas sim a natureza do projecto. (2007:195)

Escrito em 1969, o ensaio trata de cânones próprios de uma visão modernista, hoje transformada (ou em transformação), mas aborda de forma didática desafios ainda prementes no trabalho do arquiteto-urbanista, distinguindo claramente duas problemáticas: uma ligada à escala de atuação e outra ao tipo de trabalho, ao mostrar o campo do urbanismo como algo menos formal e mais abstrato, se comparado à arquitetura. De alguma forma, mesmo que nos afastemos de uma visão tecnocrática no urbanismo moderno em direção a pensamentos mais contemporâneos no que tange a ação sobre a cidade, hoje formulados como “co-urbanismo, urbanismo ativo, urbanismo de código aberto, urbanismo multitudinário, urbanismo tático, urbanismo performativo, urbanismo social” (Lugar Comum, 2017), acreditamos ser ainda possível –e também adequado como referencial teórico a obra de Lelé– situar a problemática de forma semelhante ao proposto por Portas: a partir da escala e da natureza do trabalho.

Em entrevista mais recente, Portas adicionou ainda outra componente a estas diferenças, aquela temporal: “Tudo no urbanismo se faz com o tempo. Nenhuma atitude é só do momento do plano ou dos momentos da gestão, tudo tem uma história (...) a arquitectura é inimiga da incerteza, o urbanismo tem que lidar com a incerteza” (2005). Por fim, voltando ao texto de 1969, Portas também trata das diferenças na atuação do arquiteto e do engenheiro civil:

Enquanto para o urbanista e o arquiteto se podiam distinguir campos diferentes e contíguos –ainda que ambos arquitectem, isto é, organizem formal e funcionalmente espaços habitáveis– já para o arquiteto e o engenheiro civil o campo, o objeto a criar, é um e o mesmo, enquanto são os níveis de intervenção e as ópticas que se diferenciam conforme um trata o organismo e os outros certas partes constituintes dele. (2007:197)

Tomadas como base estas reflexões, entendemos que Lelé trilhou trajetória calcada numa interessante interdisciplinaridade entre arquitetura, urbanismo e engenharia, desde a construção de Brasília ao projeto do edifício sede do TRT em Salvador, seu último exemplar construído, tendo ao longo de sessenta anos trabalhado sobre ampla gama de tipologias arquitetônicas e infraestruturas em diferentes paisagens (Segawa & Guimarães, 2009).

No caso específico de Salvador, Abadiânia e Rio de Janeiro durante a década de 80, o trabalho de Lelé resulta do cruzamento entre a leitura arguta das condições geográficas, sociais, econômicas e políticas destas cidades e dos desafios tecnológicos implicados na desejada atuação, sendo a sensibilidade do arquiteto-urbanista responsável por identificar as interseções fundamentais entre escalas e problemáticas nas distintas provocações que enfrentou. Nestas experiências, soube costurar aspectos do planejamento ligado às “incertezas” do urbanismo com o reforço de políticas de não erradicação de bairros populares através do desenvolvimento de alternativas tecnológicas de arquitetura e engenharia, destacando-se neste contexto as fôrmas metálicas para peças pré-fabricadas de argamassa armada como elemento simbólico do papel da arquitetura como agente de ação urbanística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de Lelé destaca-se por propostas que ajudaram a consolidar de forma pioneira a cultura da urbanização de bairros populares pobres no Brasil em plena ditadura militar, como contraponto à mais comum política de erradicação, mantendo sua atualidade mesmo passados 40 anos das primeiras experiências.

Nesta direção defendemos que se faz preciso reconhecer a experiência de Lelé como contribuição à constituição do campo do urbanismo no país, pioneira em reflexões hoje caras ao tema da reestruturação de bairros populares. Em recentes visitas de campo aos bairros populares de Sussuarana, Mata Escura e Saramandaia, em Salvador, constatamos, por exemplo, que as escadarias drenantes – prejudicadas pela deterioração da argamassa armada e as conexões clandestinas de esgoto – ainda cumprem papel de acesso aos fundos de vale e revelam participação importante na consolidação daquelas comunidades, trinta anos depois de sua instalação. Menos que o saneamento, portanto, sua contribuição perene é aquela de materializar um território urbanizado, singrando o barro que até então era a realidade de um terço da população de Salvador no início dos anos 80.

Considerando a definição de atribuições das atividades do arquiteto-urbanista e do engenheiro trazida por Nuno Portas, podemos afirmar que Lelé demarcou trajetórias múltiplas, entre campos de saber diversos, ao permear não só entre escalas, mas também entre diferentes naturezas de projeto. Amarrou decisões de cunho estratégico, administrativo, social e econômico àquelas de caráter técnico e de desenho formal ao estabelecer a tecnologia da argamassa armada como uma ferramenta de ação urbanística e atendimento a demandas sociais prementes. A arquitetura de Lelé, neste caso, é elemento chave no âmbito de uma estratégia urbanística.

A tecnologia cria estratégias, repertório de ideias e ações que viabilizam e dão sentido a determinadas decisões de planejamento urbano, de modo que é injusto relegar à arquitetura e engenharia um papel coadjuvante na construção social e urbana, tanto quanto pretensioso imaginar sua preponderância. Está na interdisciplinaridade, na colaboração entre profissionais, comunidade, moradores e diversos campos do saber o conjunto de ferramentas para lidar com a cidade e, como dizia Gilberto Gil há trinta anos, “ninguém mais tem ilusão, no poder da autoridade, de tomar a decisão”. ■



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A TARDE (1987, October 22):** *A passarela do Bonocô vai ser inaugurada hoje*. Salvador.
- DO VALE, M.H.C. (2016):** *João Filgueiras Lima (Lelé): Arquitetura Pública e Urbanismo em Salvador (1979-81 e 1986-88)*. Universidade de São Paulo.
- EKERMAN, S.K. (2005, September):** Um quebra-cabeça chamado Lelé. *Arquitextos Vitruvius*, (064.03).
- (2013): “L’Oeuvre Multiforme de Lelé/Lelé’s Multifaceted Work.” *Architecture d’Aujourd’hui*, 396, 64–71.
- FERNANDES, A.M. (2012):** “Salvador, uma cidade perplexa.” Retrieved September 15, 2017, from <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Salvador-uma-cidade-perplexa/4/25983>
- HANAI, J.B. de (1992):** *Construções de Argamassa Armada: fundamentos tecnológicos para projeto e execução*. São Paulo: Pini.
- LATORRACA, G.; FERRAZ, M.C.; FERRAZ, I. G.; FREITAS, E.S. de; BIRKINSHAW, S. & SZABÓ, K. (Eds.) (1999):** *João Filgueiras Lima, Lelé*. Lisboa: Blau.
- LIMA, J.F. (1984):** *Escola Transitória: modelo rural*. Brasília: MEC/CEDATE.
- (2012). *Arquitetura: uma experiência na área da saúde*. São Paulo: Romano Guerra Editora.
- (2013). *Urbanização de Pernambués: ocupação mista de apartamentos e casas geminadas*. Salvador.
- LUGAR COMUM (2017): UrbBA 2017: chamada de trabalhos. Salvador. Retrieved from urbba17.wixsite.com/urbba17**
- MENDONÇA, A.C. de (2012):** Entrevista: João Filgueiras Lima Lelé. In PERROTTA-BOSCH, F.; KOZLOWSKI, G.; MENEGUETTI, M. & AZEVEDO, V. (Eds.): *Entre: entrevistas com arquitetos por estudantes de arquitetura*. Rio de Janeiro: Viana & Mosley Editora. Retrieved from <http://www.entre.arq.br>
- MINHO, L.F.M. (2016, August 18):** *Luiz Fernando Marinho Minho: depoimento*. Salvador: Entrevistador: Sergio Ekerman.
- OLMOS, S. & CORDIVIOLA, C. (2013):** “L’Humain au cœur de la fabrique architecturale/The human at the heart of the architectural factory.” *Architecture d’Aujourd’hui*, 396.
- PASSARELAS DIMINUEM AS DISTÂNCIAS ENTRE OS BAIRROS. (1988, August 29):** Tribuna Da Bahia. Salvador.
- PORTAS, N. (2005):** *Nuno Portas, Prêmio Sir Patrick Abercrombie UIA 2005*. (A. V. Milheiro & J. Afonso, Eds.) (2a. ed.). Lisboa: Ordem dos Arquitectos.
- (2007): *A Cidade Como Arquitetura*. (R. M. de Moura, Ed.) (3a. ed.). Lisboa: Livros Horizonte.
- PREFEITURA MUNICIPAL DO SALVADOR (1981):** Mensagem: apresentada à Câmara Municipal pelo Prefeito Mário Kertesz. Salvador.
- RISÉRIO, A. (2010):** Um mestre da precisão e da delicadeza estética e social. In RISSELADA, M. & LATORRACA, G. (Eds.): *A arquitetura de Lelé: fábrica e invenção* (pp. 31–46). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Museu da Casa Brasileira.
- SALAZAR, J. (2014):** Assitência Técnica e Direito à Cidade. In SALAZAR, J.; STROHER, L. & GRAZIA, G. de (Eds.), *Assitência Técnica e Direito à Cidade*. Rio de Janeiro: Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas.
- SARDO, D. (2014):** O Processo SAAL: Arquitetura e participação 1974-1976. In *O Processo SAAL: Arquitetura e participação 1974-1976*. Porto: Museu de Arte Contemporânea de Serralves.
- SEGAWA, H. & GUIMARÃES, A.G.L. (2009):** “Lelé: the creator, the builder, and the context.” *Le Visiteur: Revue Critique D’architecture*, (14).
- WATANABE, M.S. (1995):** *Arquitetura e educação*. (S. de S. Lima, Ed.). São Paulo, SP: Studio Nobel.